Coordenação:

Dr. Héctor Ricardo Leis

Vice-Coordenação:

Dr. Selvino J. Assmann

Secretaria:

Liana Bergmann

Editores Assistentes:

Doutoranda Brena Magno Fernandez

Doutoranda Sandra Makowiecky

Linha de Pesquisa

A CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

ERCY JOSÉ SOAR FILHO

Espaço, identidade & saúde mental na sociedade contemporânea*

N 26 - Agosto 2002

Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do programa.

* Uma versão prévia e resumida deste trabalho foi apresentada na VIII Jornada Regional de Psiquiatria da Região Sul e I Congresso Paulista de Psiquiatria. São Paulo, de 14 a 16 de junho de 2001.

Espaço, identidade & saúde mental na sociedade contemporânea*

Ercy José Soar Filho**

RESUMO: Os referentes de espaço são fundamentais para o senso de identidade pessoal, e para a manutenção de um senso segurança ontológica. Diante das dramáticas mudanças por que passa a noção de espaço (e tempo) nas sociedades contemporâneas, é necessária a reflexão sobre os impactos que as novas ordenações espaciais têm sobre a noção de identidade e sobre a saúde mental. Os conceitos de “compressão do tempo-espaço”, “saturação social”, “não-lugares”, e “ciberespaço” servem de pano de fundo para que, neste trabalho, se avaliem algumas das implicações psicológicas e relacionais de tais mudanças, como os processos de dissociação do self, expansão da inadequação, mimetismo social (falso *self*), despersonalização, retração narcísica e depressão.

PALAVRAS CHAVE: espaço, identidade, sociedade contemporânea, saúde mental.

* Uma versão prévia e resumida deste trabalho foi apresentada na VIII Jornada Regional de Psiquiatria da Região Sul e I Congresso Paulista de Psiquiatria. São Paulo, de 14 a 16 de junho de 2001.

** Médico psiquiatra, mestre em Psicologia, doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

Espaço, identidade & saúde mental na sociedade contemporânea

Conceitos como “globalização”, “desterritorialização”, “translocalidade”, “pós-nacional” e “transnacional” tentam dar conta das transformações pelas quais passam tradicionais fronteiras étnicas e nacionais, e das complexas ligações entre local e global no mundo atual (Santos, 1999; Yaeger, 1996). Enquanto tais conceitos remetem mais propriamente a uma dimensão geopolítica, há uns tantos outros – tais como “compressão do tempo-espaço”, “espaços de anonimato” e “ciberespaço” – que se referem às mudanças que vêm ocorrendo nas relações do ser humano com o espaço cotidiano, na forma como este é organizado, utilizado, representado e vivenciado. É deles que trata este trabalho, sem perder de vista que qualquer reflexão sobre o espaço necessariamente se estende ao problema do tempo, uma vez que tempo-espaço são dimensões indissociáveis, tanto na física quanto nas ciências sociais.

Sabemos o quanto os referentes de espaço são fundamentais para o senso de identidade pessoal: onde nascemos, onde nos graduamos, onde vivemos e trabalhamos, são todas informações primárias para a nossa identificação diante de outros, e para a construção de um núcleo íntimo de identidade pessoal. Dito em outras palavras, “as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade” (Harvey, 1992, p.198). Refletir sobre as novas configurações e representações do espaço tem, portanto, a finalidade de melhor elaborar os impactos que tais mudanças trazem para a construção da identidade, a manutenção da segurança ontológica, assim como para a emergência de patologia mental.

O conceito de “segurança ontológica” é particularmente importante, pois nos remete ao senso de termos uma existência real e uma unicidade no mundo. Nossa segurança ontológica depende de atributos como *permanência*, *estabilidade* e *consistência*, ou seja, do fato de que, apesar da passagem do tempo e das mudanças de lugar, seguimos sendo, e nos reconhecendo, como a *mesma* pessoa (Giddens, 1991). Daí também o termo “identidade”, que vem do latim: *idem*, o mesmo; assim como a palavra inglesa *self*, que traz em sua etimologia tanto o significado de “eu” quanto de “mesmo” (Levin, 1992).

* * *

Uma das metáforas mais poderosas para caracterizar a sociedade contemporânea é a de “compressão do tempo-espaço”, proposta por David Harvey (1992), com a qual ele se refere

a “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos” (p.219). Tais processos implicam na aceleração do tempo e na diminuição das distâncias que acompanham a rápida circulação do capital: o desenvolvimento de meios de transporte cada vez mais eficientes; a criação de uma rede mundial de telecomunicações que transforma o planeta numa “aldeia global”; e as relações de interdependência econômica e ambiental, acompanhadas do surgimento de uma consciência ecológica internacional, que se refletem na metáfora da “espaçonave Terra”: vagamos todos nessa imensa espaçonave, e tudo que se faz em seu interior afeta a todos os passageiros...

A compressão do tempo-espaço inicia-se na Era Moderna, ganham impulso com a Revolução Industrial, e atinge um grau até então impensável nas últimas décadas. As mudanças nas concepções de tempo e espaço ocorreram lentamente a partir da decadência do feudalismo europeu, com suas estruturas cristalizadas e relativamente estáveis, quando “as qualidades centradas finitas do lugar (um território intrincado de interdependência, obrigação, vigilância e controle) equivaliam a rotinas de vida cotidiana honradas pelo tempo estabelecidas na infinidade e inapreensibilidade do ‘tempo permanente’” (Harvey, 1992, p.219). O Iluminismo viria a instaurar um projeto de vida social planejada e controlada, a fim de promover a igualdade social e o bem estar de todos; e essa mentalidade racionalizadora do tempo e do espaço encontrou no mapa, no relógio e no calendário instrumentos particularmente úteis.

É a partir de meados do séc. XIX que a economia mundial toma o rumo do globalismo, marcado pela fase de aceleração e expansão do capitalismo, e alavancado por desenvolvimentos tecnológicos, como o surgimento de redes ferroviárias, jornais diários, comunicações por telégrafo, navegação a vapor e, mais adiante, do rádio e do automóvel. Já então, o “encolhimento” do mundo passa a criar desafios para a manutenção das identidades locais e do sentido de continuidade histórica, que foram refletidos pela arte e pela filosofia da virada do século XX. Nietzsche, ao refletir sobre tais eventos, sugere que os indivíduos devam ser “muito fortes e multiformes” para poder fazer frente a “centralização de um número tremendo de interesses diferentes numa única alma” (citado por Harvey, 248), renunciando assim a necessidade de uma plasticidade maior do self diante das qualidades fragmentárias e polivalentes do espaço na sociedade contemporânea. Tais qualidades estão igualmente refletidas nas artes plásticas, por movimentos como o cubismo, o surrealismo e o futurismo, assim como, na música, pelo dodecafonismo.

Marc Augé (1996), ao propor uma “antropologia da supramodernidade” (*surmodernité*), descreve uma sociedade que tem no *excesso* (de tempo, de espaço e de identidade) a sua modalidade essencial. Os acontecimentos parecem se suceder numa velocidade tal que mal os vivemos e já são parte de um passado. A nossa história pessoal rapidamente é absorvida pelo fluxo da história social. Fenômenos como os Beatles, o maio de 68, a Guerra do Vietnam; e outros ainda mais recentes, como a queda do muro de Berlim e a Guerra do Golfo, mal aconteceram e já fazem parte da história... “A história nos pisa nos calcanhares. Segue-nos como nossa sombra, como a morte” (p.33). A “aceleração da história” corresponde a uma multiplicação de acontecimentos e de informações, e tem seu contraponto na experiência de “superabundância do espaço”.

A produção cultural na América Latina reflete, segundo Canclini (1989), um cenário onde ainda mais complexo, uma vez que aí encontramos sociedades nas quais os valores econômicos e culturais tradicionais mesclam-se com os valores modernos; “enquanto na arte, na arquitetura e na filosofia as correntes pós-modernas são hegemônicas em muitos países, na economia e na política latino-americana prevalecem os objetivos modernizadores” (p. 19). O que caracteriza, na opinião deste autor, as sociedades latino-americanas é a sua “heterogeneidade multitemporal”, a partir do qual surgem as “culturas híbridas”, resultantes dos cruzamentos sócio-culturais nos quais o tradicional e o moderno se misturam.

Na condição pós-moderna, ganha ainda mais força a idéia de que “tudo que é sólido desmancha no ar”, a célebre expressão de Marx para definir os tempos modernos. Vivemos num mundo em que a lógica da produção e distribuição das mercadorias está calcada na ênfase em qualidades como *instantaneidade* e *descartabilidade* (Harvey, 1992). O bombardeio de estímulos, através da propaganda e da multiplicação das imagens, da cultura do simulacro, leva a uma verdadeira sobrecarga sensorial. Numa paisagem social marcada pela velocidade nos processos de produção e consumo, ocorre a “perda de um sentido do futuro, exceto e na medida em que o futuro possa ser descontado do presente”. A *volatilidade* e a *efemeridade*, afirma Harvey, “também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade” (p. 263). A “aniquilação do espaço por meio do tempo” se faz através das tecnologias de transmissão de imagens e informação, mas também pela maior facilidade de deslocamento concreto de pessoas e mercadorias. Como consequência geral desse processo vive-se uma cultura do ecletismo e da mistura podendo-se ter acesso simultâneo, principalmente nos centros urbanos, a hábitos alimentares, práticas religiosas, e

manifestações artísticas de culturas as mais diversas, sendo hoje “possível vivenciar a geografia do mundo vicariamente, como um simulacro” (p. 271).

Paul Virilio (1999) faz eco a esta idéia, ao comentar a significação histórica da criação da rede de televisão CNN, e da subsequente popularização das redes de TV a cabo:

Graças aos satélites, a janela catódica traz a cada um dos assinantes, com a luz de um outro dia, a presença dos antípodas. *Se o espaço é aquilo que impede que tudo esteja no mesmo lugar*, este confinamento brusco faz com que tudo, absolutamente tudo, retorne a este “lugar”, a esta localização sem localização... o esgotamento do relevo natural e das distâncias de tempo achata toda localização e posição. Assim como os acontecimentos retransmitidos ao vivo, os locais tornam-se intercambiáveis à vontade. (Virilio, 1999, p. 13)

Vivemos, em certa medida, a experiência cotidiana de nos encontrarmos diante do *Aleph* – “um dos pontos do espaço que contém todos os pontos [...] o lugar onde estão, sem se confundir, todos os lugares da orbe, vistos de todos os ângulos”: a expressão literária da ubiqüidade conforme a genial criação de Jorge Luis Borges.

* * *

Somos participantes de uma paisagem social feita da sobreposição de espaços, da superabundância de espaço, de sobrecarga sensorial, do simulacro, do pastiche. O psicólogo social norte-americano Kenneth Gergen (1991) discute em profundidade os impactos daquilo que ele denomina de “saturação social” sobre a identidade pessoal. Segundo Gergen, ainda que as pessoas mantenham um senso de coerência interna e de identidade pessoal, elas estão confrontadas com uma variedade de diferentes possibilidades de realização de desejos ou impulsos alternativos. A sua descrição da paisagem humana da sociedade pós-moderna ajuda a compreender o “eu saturado”, os processos de “povoamento do self”:

Assim, por exemplo, durante uma hora numa rua de cidade somos informados dos estilos de vestir de negros, brancos, classe alta, classe baixa, e mais. Podemos aprender as maneiras dos executivos japoneses, mulheres muambeiras, sikhs, Hare Krishnas, ou tocadores de flauta do Chile. Vemos como relações são mantidas entre mães e filhas, executivos, amigos adolescentes, e trabalhadores da construção civil. Uma hora num escritório de negócios pode nos expor aos pontos de vista de um empresário texano de petróleo, dum advogado de Chicago, e dum ativista gay de São Francisco. Comentaristas de rádio compartilham idéias sobre boxe, poluição, e abuso infantil. [...] Via televisão, uma miríade de figuras é introduzida em nossos lares, as quais de outra forma jamais entrariam. Milhões de pessoas assistem TV,

enquanto convidados de *talk-shows* – assassinos, estupradores, prisioneiras, abusadores de crianças, membros da KKK [Ku-Klux-Klan], pacientes psiquiátricos, e outros geralmente desacreditados – tentam fazer suas vidas inteligíveis. Há poucas crianças de seis anos de idade que não possam fazer pelo menos uma avaliação rudimentar sobre a vida nas vilas africanas, sobre as preocupações dos pais que se divorciam, ou sobre o problema das drogas nos guetos. A cada hora nosso depósito de conhecimento social se expande em amplitude e sofisticação. (Gergen, 1991, p. 69-71).

Na medida em que esta enorme quantidade de caracteres, de modelos e de relações possíveis vão sendo internalizados, na medida em que ocorre este povoamento do self, o indivíduo amplia grandemente suas possibilidades de se localizar em diferentes contextos sociais, mas também, e sobretudo, de conduzir diálogos interiores sobre as mais diferentes questões.

Na sociedade contemporânea não apenas o indivíduo deve fazer frente à multiplicidade de estímulos e modelos, à aceleração dos processos temporais, ou à dissolução das fronteiras políticas, culturais e étnicas, como deve aprender a conviver com aquilo que Marc Augé (1996) denomina de “não-lugares”. Na supramodernidade, afirma ele, a superabundância do espaço e a aceleração dos meios de transporte levam a modificações concretas na paisagem física:

concentrações urbanas, traslados de populações e multiplicação daquilo que poderíamos chamar de “não-lugares”, por oposição ao conceito sociológico de lugar, associado [...] com o de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não-lugares são tanto as instalações necessárias para a circulação acelerada de pessoas e bens (vias rápidas, entroncamentos de rotas, aeroportos) como os próprios meios de transportes ou os grandes centros comerciais, ou também os campos de trânsito prolongado onde se estacionam os refugiados do planeta. (Augé, 1996, p. 40-41)

São também não-lugares as grandes cadeias hoteleiras, os supermercados, os hospitais, os caixas automáticos, assim como o espaço do viajante.... Antropologicamente, nos lembra Augé, um “lugar” se define como um “lugar de identidade, relacional e histórico”. Os lugares estão carregados de significações pessoais, de memórias, de referências para a identidade pessoal ou grupal. Os não-lugares, ao contrário, são “espaços de anonimato”, de não-memórias e de não-encontros. Para se ter acesso a eles são necessários os dados pessoais, com a pessoa torna-se um “cliente” ou um “usuário”, mas uma vez em seu interior os indivíduos “não estão identificados, socializados ou localizados”.

Enquanto esteja cercado de não lugares, o indivíduo luta para preservar espaços de privacidade e de significação pessoal para a manutenção da individualidade. É neste sentido que a localidade não se opoe à globalidade, mas também se confunde com ela, surge com mais força como um movimento de resistência. “No lugar”, afirma Nilton Santos (1999), “cooperação e conflito são a base da vida em comum” (p. 258). É no lugar que a vida ganha contornos pessoais, se individualiza. É neste sentido que, segundo este autor, uma maior globalidade teria como correspondência uma maior individualidade, uma maior necessidade de construção e preservação dos espaços delimitados das relações pessoais e da privacidade.

Não deixa de ser paradoxal que, enquanto existem “espaços de não-encontro” – os não-lugares –, existam paralelamente, em outra dimensão, “encontros sem lugar”, encontros em um espaço virtual, possibilitados pelo advento da Internet, e que constituem uma modalidade contemporânea de relacionamento humano sobre a qual ainda pouco sabemos. Sherry Turkle (1997), em seu livro *Life on the screen*, nos oferece um rico relato sobre as comunidades virtuais, a dissolução das fronteiras entre o real e o virtual, e as possibilidades de expansão e multiplicação do self na internet. O depoimento de um jogador de MUD (*multi-user domain*), um dos jogos através dos quais vários usuários participam simultaneamente construindo personagens e contextos relacionais, é por si revelador:

Eu divido minha mente. Estou ficando bom nisto. Posso me ver sendo dois ou três ou mais. E é só ligar uma parte da minha mente, ou então outra quando eu passo de uma janela [do programa] a outra. [...] Estou participando de alguma discussão numa janela e tentando fazer contato com uma garota num MUD, em outra janela, e em outra janela pode estar rodando uma planilha de cálculos ou qualquer outra coisa técnica da universidade... (p. 13)

Enquanto o jogador está dissociado numa multiplicidade de personagens, ou de diferentes eus, chega-lhe uma mensagem em tempo real, que surge na tela, e ele sabe que aquilo faz parte da “vida real”, mas se relaciona com ela como se fosse apenas uma outra janela, e muitas vezes sente que esta não é aquela onde gostaria de estar...

Ainda que o surgimento de um “ciberespaço”, e o correspondente desenvolvimento de uma “cibercultura” sejam tema para abordagens mais aprofundadas, e que podem conter possibilidades positivas para o processo civilizatório, não resta dúvida de que sua difusão contribui decisivamente para a dissolução das tradicionais fronteiras tempo-espaciais (Lévy, 1999).

* * *

Este breve trabalho não tem a pretensão de realizar um levantamento sistemático de toda a “psicopatologia” relacionada às mudanças na dimensão tempo-espaço pelos quais vimos passando. Tem tão somente o objetivo de refletir sobre algumas de suas implicações para o senso de identidade pessoal, por sua vez vinculadas a processos mais amplos próprios à sociedade contemporânea que, a partir de diferentes perspectivas teóricas, têm sido caracterizados como típicos da “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “supramodernidade”, ou simplesmente da “modernidade”.

Conforme Gergen (1991), as tecnologias de saturação social expõem o indivíduo a uma grande quantidade de modelos comportamentais e culturas alternativas, com o que ele acumula não só um maior conhecimento teórico de mundo, um *saber quê*, mas também um conhecimento prático, um *saber como*. Ao resultado desses processos de socialização secundária, este autor denomina de *multifrenia*, uma síndrome normal da pós-modernidade caracterizada pela “dissociação do indivíduo numa multiplicidade de investimentos do self”. Assim, a pessoa pode circular por ambientes díspares, ocupar-se de atividades não relacionadas entre si, ou desenvolver potencialidades e talentos que, de outra forma, permaneceriam latentes. Alguns exemplos, fornecidos pelo próprio autor, ajudam a entender o conceito de multifrenia:

- ♦ Você trabalha como executivo no departamento de investimentos de um banco. À noite você fuma maconha enquanto escuta um disco de rock.
- ♦ Você é um advogado numa importante empresa. Nos fins de semana você escreve um romance sobre um caso amoroso com uma terrorista;
- ♦ Você janta num restaurante marroquino e em seguida vai ao último *show* num bar em estilo *country* norte-americano. (Gergen, 1991, p. 68).

Pode-se encontrar no conceito de multifrenia ecos do que Alvin Toffler (1983) descreveu como sendo um dos efeitos da passagem das sociedades da “Segunda Onda”, aquelas que já vivenciaram o processo de industrialização, para as sociedades da “Terceira Onda”, as sociedades da informação, nas quais verifica-se a possibilidade dos indivíduos assumirem “uma variedade caleidoscópica de arranjos de papéis [sociais]” (p. 133).

Outro efeito é a *expansão da inadequação*, ou seja, um crescente auto-questionamento sobre os próprios parâmetros e crenças. “Na medida em que as relações se expandem, a validade de cada racionalidade local fica em xeque. O que é racional numa relação é questionável e absurdo desde o ponto de vista de outra” (p.78). Segundo Gergen, assistimos

ao desaparecimento do self enquanto uma entidade concreta, e à reconstrução do self enquanto relação; assistimos a passagem do self *intrapsíquico* ao self *relacional*. O self que “desaparece” é o self moderno, a noção de uma identidade autônoma, individualizada e permanente. Em seu lugar surgem múltiplas vozes interiores, cada qual a definir o indivíduo a partir de uma diferente perspectiva. Enfim, já não existe mais uma essência individual à qual a pessoa permanece fiel ou comprometida. “A identidade é continuamente emergente, re-formada e redirecionada na medida em que a pessoa se move num mar de relacionamentos em constante mudança” (Gergen, 1991, p. 139).

Aqueles que assistiram ao filme *Celebridades*, de Woody Allen, hão de se lembrar da velocidade com que mudam os cenários, e com que as personagens assumem novos papéis sociais: um repórter que ora se encontra envolvido no meio cinematográfico, ora nos círculos da alta moda, ora num teatro *underground* de Nova York; a esposa traída que subitamente se vê alçada à condição de celebridade da televisão... Todas as possibilidades estão abertas, o self é visto como potencialidade, virtualidade, possibilidade permanente de expressão de uma subjetividade multifacetada e contextual.

Os pilares sobre os quais a noção de identidade era tradicionalmente construída – racionalidade, intencionalidade, auto-conhecimento e coerência interna – vão perdendo sentido. Mais do que isso, perdem força os modelos culturalmente estabelecidos sobre “aquilo que se deve ser”. Categorias tradicionais de identificação perdem também o poder estruturante de outrora. Noções como *gênero*, *raça*, *religião* e *nacionalidade* estão entre os parâmetros que dão lugar a novas construções do self enquanto uma rede de relações. A expressão psicopatológica deste fenômeno seria a *personalidade pastiche*, que corresponde à noção psicanalítica de *falso self*: segundo o psicanalista inglês David Winnicott (1990), o fracasso nos contatos iniciais do bebê com a mãe pode gerar uma condição de fragilidade do senso de identidade pessoal, levando ao desenvolvimento desta modalidade de relacionamento do sujeito com os outros significativos “que se desenvolve sobre uma base de submissão e se relaciona com as exigências da realidade externa de forma passiva” (p. 128). Tal como no filme *Zelig*, igualmente de Woody Allen, em que o protagonista adapta-se camaleonicamente a cada contexto de interação, conforme os propósitos de sentir-se aceito e de preservar sua auto-estima, o indivíduo vê-se imerso num mar de possibilidades e de estímulos, muitas vezes contraditórios e incompatíveis, em que já não há referenciais seguros, ou amplamente consensuais, sobre os modelos de conduta, os padrões estéticos, ou os balizamentos éticos da convivência social.

A passagem do self intrapsíquico para o relacional apresenta amplas implicações para as teorias da identidade (Gergen, 1991, 1994; Soar Filho, 1997), assim como abre um campo de reflexão a respeito dos impactos das mudanças sociais sobre as experiências da subjetividade: quais são as conseqüências que as mudanças na dimensão do tempo-espaço cotidiano apresentam para a construção da identidade? Como a rápida transformação e a plasticidade dos referentes de espaço afetam a segurança ontológica? Que conseqüências para a saúde mental dos indivíduos (se alguma) são advindas da ruptura com as tradicionais fontes de identificação (a comunidade local, a nacionalidade, a etnia)?

* * *

As noções de “multifrenia” e de “self saturado” de Gergen não apresentam uma conotação negativa, nem se referem a fenômenos da ordem da psicopatologia. Antes, referem-se à ampliação dos repertórios condutuais e às múltiplas virtualidades que se abrem ao indivíduo na sociedade contemporânea. Há de se estar atento, entretanto, não apenas aos riscos de despersonalização, inerentes ao conceito de “personalidade pastiche”, como aqueles associados à sensação de solidão e isolamento, de ansiedade e depressão, e de suas manifestações secundárias, nos quadros de somatização e de abuso de álcool e drogas; aos efeitos do que Teillard de Chardin denominou de “pressão humana”: a acumulação crescente dos homens em espaços limitados, gerando rápidas mudanças na qualidade das relações sociais no mundo contemporâneo (citado por Santos, 1999); ou ainda, como quer Giddens (1991), às tribulações e dilemas do self na “modernidade tardia”, ou na “ordem pós-tradicional”, entre os quais a fragmentação e despersonalização das experiências, a sensação de falta de poder frente a multiplicidade de estímulos e possibilidades, e a angústia de incerteza, gerada pela perda das referências de autoridade.

Já no início do século XX o sociólogo alemão Georg Simmel (1962) refletiu, num clássico estudo sobre a vida mental nas metrópoles, sobre a ânsia do indivíduo em preservar sua autonomia e individualidade face aos tremendos impactos das forças sociais e da “técnica da vida metropolitana”.

Pontualidade, calculabilidade, exatidão são impostas à vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana, além de estarem conectadas intimamente com sua economia monetária e caráter intelectualista. Estes traços tendem também a colorir os conteúdos da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que têm por objetivo determinar o modo de vida a partir de dentro, ao invés de receber uma forma de vida generalizada e precisamente esquematizada desde fora (Simmel, 1962, p. 155-156).

É do do sujeito que nasce na Era Moderna que nos fala Simmel, quando lamenta a perda da *autonomia e independência* do indivíduo frente às “tremendas forças da herança histórica, da cultura externa, e da técnica da vida” (p. 151), aquele que a partir do Renascimento e do Iluminismo readquire a capacidade perdida de pensar sobre a natureza do mundo e sobre sua própria natureza e, assim, reconquista um sentido de autonomia. Para fazer frente à anterior dissolução do indivíduo na grande ordem cósmica, preestabelecida e imutável, o sujeito moderno aspirava avidamente ao senso de autarquia e de auto-suficiência. O individualismo encontra nesse contexto um solo fértil, à maneira de uma “formação reativa”, como diria um psicanalista. Montaigne exorta seus contemporâneos à esta atitude: “Façamos com que nosso contentamento dependa de nós mesmos, desfaçamos todos os laços que nos ligam aos outros, obtenhamos o poder de viver conscientemente e, assim, viver à vontade” (citado por Todorov, 1996, p.14). É, portanto, de um sujeito que talvez já não possa mais existir, a despeito da vida nas metrópoles, que ele nos fala. É neste sentido que se pode falar da “morte do sujeito moderno”, da superação da mentalidade moderna sobre o self, uma idéia já explorada por vários autores (Gergen, 1991, 1994; Hall, 2000; Løvlie, 1992; Todorov, 1996).

Não obstante, Simmel inaugura uma importante linha de reflexão sobre os impactos da vida nas sociedades contemporâneas, e especialmente nos grandes centros urbanos, para a vida mental. Seu conceito de *atitude blasé* dá conta do estado de desligamento defensivo do indivíduo frente ao excesso de estímulos nervosos a que está submetido. A atitude blasé seria uma forma de auto-preservação, marcada por uma acentuada “reserva” frente aos outros: “uma antipatia latente e um estágio preparatório de antagonismo prático afetam as distâncias e aversões, sem as quais esse modo de vida não poderia ser tolerado” (p. 158).

Não deixa de ser interessante notar os pontos de contato entre a descrição da tendência a reserva e indiferença recíprocas descritas por Simmel, e a noção de *retração narcísica* típica da cultura pós-industrial, descrita por Christopher Lasch (1986). Este autor, a exemplo do primeiro, mantém a crença de que “uma afirmação genuína do eu depende, acima de tudo, de um núcleo de individualidade que não se encontre sujeito à determinação do meio ambiente, mesmo sob condições extremas”(p. 49). Assim,

as condições sociais vigentes [próprias de uma cultura pós-industrial], especialmente as fantásticas imagens de produção de massas que formam nossas concepções do mundo, não somente encorajam a contração defensiva do eu como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e o seu meio. O *eu mínimo* ou *narcisista* é, antes de tudo, um eu inseguro de

seus próprios limites, que ora almeja reconstruir o mundo à sua própria imagem, ora anseia fundir-se em seu ambiente numa extasiada união. (Lasch, 1986, p. 12, *grifos meus*)

É importante ressaltar aqui que “narcisismo”, neste contexto, não deve ser entendido como egoísmo, hedonismo, ou auto-interesse, mas como essa reação de “fuga para dentro”, de defesa, e de empobrecimento da vida relacional. É neste sentido que

A cultura organizada em torno de consumo de massa estimula o narcisismo [...] não porque torna as pessoas gananciosas ou agressivas mas porque as torna frágeis e dependentes. Corrói a sua confiança na capacidade de entender e formar o mundo e de prover as suas próprias necessidades. O consumidor sente que vive num mundo que desafia o entendimento e o controle práticos, um mundo de imensas burocracias de “sobrecarga de informações” e de complexos interligados sistemas tecnológicos, vulneráveis a súbitos colapsos [...]. (Lasch, 1986, p. 24-25).

Não é mera coincidência que Kohut (citado por Levin, 1992), um psicanalista que tem sua obra construída em torno do conceito de *self*, nos fale da passagem do “homem culpado”, a abstração sobre a qual Freud se debruçou e criou todo o edifício da psicanálise, ao “homem trágico” da sociedade contemporânea, não mais tanto ameaçado pela culpa quanto pelo desafio permanente de manter a integridade e coesão da própria identidade.

* * *

Enfim, na sociedade contemporânea vivemos alguns fenômenos que geram novos desafios à forma como organizamos nossas representações de tempo e espaço, e, portanto, à nossa própria segurança ontológica: a contração do tempo-espaço, a emergência de espaços virtuais, a configuração de espaços de anonimato, e a dissolução das fronteiras espaciais através de tecnologias de comunicação e de transporte que nos colocam em contato imediato com formas culturais que questionam os nossos próprios modos de representar o mundo e de nos relacionarmos.

Até que ponto estaríamos preparados para acompanhar os processos de mudanças na formas de organização social e de representação do mundo e do ser humano? Não estaríamos todos sujeitos aos efeitos de um descompasso entre a nossa capacidade cognitiva e emocional de elaborar todas essas mudanças, e a velocidade com a qual ocorrem? Talvez, enquanto vivemos no mundo pós-moderno, nosso aparato cognitivo esteja ainda condicionado a pensar com as referências relativamente estáveis e seguras das sociedades tradicionais. A ciência confronta-se com o desafio de realização de um amplo esforço

interdisciplinar de compreensão da condição humana, e de construção de modelos teóricos que dêem conta da complexidade da condição humana, e das vicissitudes da vida nas sociedades contemporâneas.

Para os profissionais de saúde mental cabe a tarefa de lidar com os efeitos de tais processos sociais sobre a segurança ontológica e sobre a saúde mental, e entender as relações entre os altos índices de prevalência de transtornos depressivos e ansiosos e as condições de vida no sociedade contemporânea (Murray & Lopez, 1996). A ampla popularização de terapias psicológicas de toda sorte talvez reflita a necessidade das pessoas de conservarem espaços de individuação. O *setting* terapêutico, como um referencial de tempo e espaço seguro e regular, parece exercer um papel importante na construção de uma noção mais firme de individualidade, constituindo-se num espaço em que o ritmo das interações sociais se desacelera e rompe com as racionalidades dominantes: eis aí apenas uma perspectiva, entre tantas possíveis, para futuras pesquisas.

Referências bibliográficas

- Augé, M. (1996) *Los “no lugares”. Espacios del anonimato: una antropología de la sobrenormalidad*. Barcelona: Gedisa.
- Canclini, N.G. (1989) *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Mexico: Editorial Grijalbo.
- Gergen, K.J. (1991) *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- Gergen, K.J. (1994) *Realities and relationships: soundings in social construction*. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1994.
- Giddens, A. (1991) *Modernity and self-identity: self and society in late Modern Age*. Stanford: Stanford University Press.
- Hall, S. (2000) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Harvey, D. (1992) *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lasch, C. (1986) *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense.
- Levin, J.D. (1992) *Theories of the self*. Washington DC: Taylor & Francis.
- Lévy, P. (1999) *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Løvlie, L. (1992) Postmodernism and subjectivity. Em: S. Kvale (ed.) *Psychology and postmodernism*. London: Sage.
- Murray, C.J. & Lopez, A.D. (1996) Evidence-based health policy: lessons from the Global Burden of Disease Study. *Science*, 274: 740-1.
- Santos, M. (1999) *A Natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Simmel, G. (1962) The metropolis and mental life. Em: E. Josephson & M. Josephson (ed.). *Man alone: alienation in modern society*. New York: Dell Publishing Co.

- Soar Filho, E.J. (1997) *Varius multiplex multiformis: epistemologia do self no pós-modernismo* [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Todorov, T. (1996) *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papirus.
- Toffler, A. (1983) *Previews & premisses*. New York: Morrow.
- Turkle, S. (1997) *Life on the screen: identity in the age of the Internet*. New York: Touchstone.
- Virilio, P. (1999) *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Winnicott, D.W. (1990) *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Yaeger, P. (1996) *The geography of identity*. The University of Michigan Press.